

# Gasto de US\$ 156 milhões

DF

25/8/87, TERÇA-FEIRA • 11

OLAGO *Paranoá*

## só na primeira etapa

O presidente em exercício da Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesb), Antônio de Pádua, admitiu ontem, em entrevista coletiva à imprensa, que embora as obras de despoluição do Lago Paranoá estejam orçadas em US\$ 100 milhões, os custos do empreendimento serão superiores a esta cifra e que US\$ 156 milhões — o equivalente a Cz\$ 7 bilhões 332 milhões — vão ser gastos apenas na primeira etapa do projeto.

Antônio de Pádua, que é diretor de Operações da Caesb, fez essas declarações em resposta à reportagem publicada na edição de domingo pelo *Jornal de Brasília*, em que a repórter Edna Danta, com base em documentos oficiais, revela que o valor da obra foi alterado, no período de 1985 a agosto deste ano, de US\$ 45 milhões para US\$ 120 milhões, com a perspectiva de chegar a US\$ 156 milhões, em decorrência dos termos do contrato feito entre a companhia e as empresas Andrade Gutierrez e Serveng — Civilsan — as duas empreiteiras que ganharam a licitação internacional.

Para o diretor de Operações, que falou em nome do presidente da Caesb, William Penido, que hoje deve retornar de viagem à Angola, não existe nenhuma anormalidade na elevação dos custos da obra, porque, segundo ele, o contrato foi assinado em cruzados, prevendo a elevação de 25% nos custos, no período de três anos — tempo previsto para a conclusão do empreendimento. "A obra poderá chegar até a custar US\$ 156 milhões, dependendo da inflação que tivermos nesse período", disse ele.

De acordo com Pádua, esses valores aumentaram porque todo o processo de licitação das obras de despoluição teve que ser alterado. Em 1983, lembrou ele, foi feita uma licitação apenas para a compra de equipamentos, orçada em US\$ 45 milhões. Devido a uma série de problemas surgidos na época, quando algumas empresas perdedoras chegaram a entrar na Justiça, a concorrência foi anulada e o projeto de despoluição do Lago foi retomado na administração do

governador José Aparecido" — justificou Pádua.

Os contratos, porém, revelam que o valor de US\$ 45 milhões era para a execução de toda a obra, e não apenas para o fornecimento de equipamentos. Por essa quantia, segundo o contrato, será realizado o projeto que prevê a ampliação das duas estações de tratamento — ETEB Sul e ETEB Norte —, o tratamento terciária — feito através de produtos químicos — e a implantação de interceptores.

O primeiro orçamento da obra, feito em 1985, em convênio assinado entre o extinto Banco Nacional da Habitação (BNH), Banco Regional de Brasília (BRB), Secretaria de Serviços Públicos e a Caesb, foi cancelado em abril de 86 pelo presidente da companhia, William Penido. Em junho de 1986, para executar o mesmo projeto do convênio de 85, ou seja, prevendo as mesmas obras, o valor do empreendimento passou para US\$ 125 milhões, aos quais mais 25% seriam acrescidos.

Antônio de Pádua, entretanto, insistiu que, na licitação feita no ano passado, foi incluída a ampliação e modernização das instalações, vencidas pelas empreiteiras Serveng-Civilsan e Andrade Gutierrez. Por isso, segundo ele, houve a elevação de preços, embora não tenha citado que o orçamento de US\$ 45 milhões já previa todas essas obras.

Quanto ao fato de o presidente da Caesb, William Penido, ser sobrinho do presidente da Serveng-Civilsan, Emerson Pelisson Penido, o diretor de Operações considerou "absolutamente normal". "Imagine se parentes de gerentes de empresas públicas ficassem proibidos de participarem de licitações de empresas públicas?" — indagou Pádua, para quem, tudo foi feito corretamente.

Na sua opinião, o projeto que já está sendo executado pela Caesb é a melhor opção de despoluição do lago, ressaltando que a licitação para a primeira etapa do empreendimento foi realizada "com toda lisura que deve acompanhar a administração pública".